

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

**Cabra Marcado para Morrer: uma experiência com cinema na formação
continuada de professores de História**

Serlei Maria Fischer Ranzi*

Resumo: Este texto apresenta e discute uma experiência desenvolvida na formação continuada com professores de História usando a linguagem fílmica. O filme utilizado para o trabalho foi “Cabra Marcado para Morrer”, do cineasta Nelson Coutinho, um documento utilizado para fins de ensino que serviu para problematizar uma determinada representação do passado. Pretende também contribuir para uma reflexão sobre as possibilidades pedagógicas dos audiovisuais, apontando as dificuldades e fragilidades na formação dos professores no procedimento com esses meios tidos como fundamentais para o ensino.

Palavras chave: Ensino de História - Linguagem fílmica - Aprendizagem

Resumé Ce texte présente et discute une expérience développée dans la formation continuée avec des enseignants d’Histoire en utilisant la langage filmique. Le film utilisé pour le travail s’appelle “Cabra Marcado para Morrer” du cinéaste Nelson Coutinho, un document adapté pour la finalité d’enseignement, et qui a servi pour problematizer une certaine représentation du passé. C’est aussi la prétention du texte contribuer pour une réflexion sur les possibilités pédagogiques des audiovisuels, démontrant les difficultés et les fragilités dans la formation des enseignants au moment de manipuler ces moyens médiatiques assinalés comme fondamentales pour l’enseignement.

Mots-clés Enseignement d’Histoire – Document Filmique - Apprentissage

O objetivo deste texto é analisar uma experiência desenvolvida, em cursos de formação continuada com professores de História do ensino médio e fundamental, utilizando a linguagem fílmica. O filme escolhido foi “Cabra Marcado Para Morrer”, de Nelson Coutinho, uma película que versa sobre tema histórico e foi utilizado como documento que pode problematizar uma determinada representação do passado para fins de ensino. A escolha foi motivada a partir da leitura de um texto sobre história oral da socióloga Aspásia Camargo, no qual ela faz referência ao cineasta Nelson Coutinho, e, principalmente, ao filme “Cabra Marcado para Morrer”, definido por Camargo como um manual vivo da história oral de imagens. Quanto a Coutinho, argumenta a autora que ele foi parte daquilo que narra e filma, “na verdade não é um cineasta que está filmando uma realidade “interessante”, que está apenas documentando, [...] mas é alguém que criou um processo dialógico entre ele e o objeto permitindo assim atingir a visão cristalizada, estratificada daquele universo que ele ia analisar.

[...] Ele conseguiu revelar uma realidade social extremamente dura, conflituosa, as misérias humanas por trás do heroísmo sem perder a dignidade e a grandeza. Inclusive sendo parte daquilo”. (CAMARGO,1994, p.98-9).

Outro instrumento utilizado para uma melhor compreensão e análise das possibilidades de exploração do filme como um componente de aprendizagem em História foi o texto de Jean Claude Bernardet, que contribui com informações sobre o contexto de produção (1964-84), o enredo e sobre a relação do “Cabra Marcado” com outros filmes do mesmo gênero. Bernardet entende que a película foge dos chamados “filmes históricos” no sentido historicista: “nada de enfileirar fatos no espeto da cronologia e amarrá-los entre si com os barbantinhos das causas e efeitos”. Para o autor o projeto histórico do filme de Coutinho demonstra uma preocupação em “lançar uma ponte entre o agora e o antes (...) entre o antes e o agora, partindo de uma ruptura: 1964”. (BERNARDET 1995, p.194-202). Para Bernardet, Coutinho desenha uma história fragmentada. Pode-se, no entanto, inferir, com base em Ricouer (1994, p.133), que o filme de Coutinho desenvolve-se numa operação que busca a *compreensão narrativa*. O autor desvenda a narrativa e a constrói a partir de fontes que vão sendo estabelecidas produzidas em função do recorte feito por ele. É uma construção sobre um evento do passado inserido num contexto e problematizado de maneira diferente nos dois momentos de filmagens: 64-84. No primeiro momento da filmagem (1964), o sindicalista Pedro é o foco: aparece para representar um grupo de trabalhadores do campo, sua luta. É uma reconstrução do movimento de luta pela terra. No segundo momento (1984), utilizando principalmente *falas de memória* de Elizabeth (viúva de João Pedro), de alguns integrantes da sua família e de camponeses que participaram da experiência em 1964, Coutinho desvela, em parte, como a estrutura do regime militar atingiu essas pessoas do sertão nordestino. Trata-se de um relato dramático do passado, intenso emocionalmente e sem uma continuidade. Não é linear e sim uma narrativa cheia de retornos.

O filme selecionado é reconhecidamente complexo para ser trabalhado em sala de aula por ser demasiado longo, não possuir um apelo imagético que cativa os alunos e, conseqüentemente, não teria, no ensino médio, uma aceitação imediata. Exigiria uma preparação sobre a importância temática que aborda e uma disposição do docente para enfrentar, num primeiro momento, “um certo descaso” dos alunos. De qualquer forma, a formação dos professores no uso do filme como um documento que possa problematizar o passado não deve servir como uma “receita” e sim contribuir para o uso da imagem na educação. Por outro lado, trata-se de um filme com uma riqueza de conteúdos históricos. O período abordado está inscrito na memória de familiares dos alunos e permite estabelecer

relações com a atualidade, bem como pesquisar, em outras fontes/documentos, novos elementos que contribuam para compreender aquele momento.

1.0 A linguagem fílmica como fonte para o ensino de História

Como os professores de História de 1º e 2º graus têm utilizado esse tipo de fonte? A indicação de filmes como recurso de aprendizagem no ensino de História remonta as décadas de 1920 e 30 no Brasil¹. Mais recentemente, houve uma retomada na utilização desse recurso, principalmente dos chamados filmes “históricos” e “documentários”², muitas vezes empregados como ilustração de um conteúdo ou como uma produção de História. Mas como fazer desses meios audiovisuais - considerados indispensáveis no ensino - um instrumento de trabalho reflexivo e não um mecanismo de entretenimento ou uma simples ilustração de um determinado conteúdo de História? Trabalhar com cinema exige muito mais do que simplesmente escolher o melhor filme para a aprendizagem de determinado conteúdo. É necessário partir de um problema, questionando o filme como qualquer documento utilizado no ensino de História. Assim, estamos considerando a imagem fílmica como documento inserido no contexto em que foi produzido, pois reflete a mentalidade de homens e de mulheres que fazem filmes. A construção e a elaboração da imagem como atividade de conhecimento exigem, segundo Sultan, levar em consideração pelo menos dois postulados: a) tomá-la como resultado de um ato de linguagem, um enunciado plástico e não cópia do real, uma vez que a imagem faz parte de outros sistemas de representação engajados na realidade humana e social por um conjunto de regras e convenções; b) considerar também a atividade imagética, concreta e mental, como portadora de competências específicas no interior de determinadas operações do pensamento (SULTAN, 1992: p.16).

Nesse sentido, o filme, como fonte, quando bem interrogado, adquire um caráter revelador de uma visão de mundo e permite ao aluno refletir e se aproximar do passado de uma maneira diferente de um texto escrito. Por outro lado, o que um aluno aprende e como ele aprende através do documento audiovisual implica levar em consideração três dados:

¹ Os filmes educativos já eram sugeridos na reformas educacionais no Brasil ao longo da década de 1920. Em 1937, as relações do cinema com a educação se solidificaram com a criação do Instituto Nacional do Cinema Educativo.

² Os filmes históricos e de ficção podem ser considerados como integrantes do mesmo gênero. Os documentários têm estatuto diferenciado, mas, tal qual os filmes de ficção, estão sujeitos ao mesmo processo de produção e sua construção é sempre subjetiva. Todos sofrerão um processo de manipulação, a fim de que a seqüência de imagens assuma uma determinada lógica em torno da narrativa.

aquilo de que trata o documento, o que o aluno domina e o que ele representa no contexto didático (JACQUINOT, 1992: p. 72).

Cabe, no entanto, outra questão: qual é a formação dos professores com a imagem? Ainda é pequeno o número de pesquisas realizado no contexto da sala aula sobre a utilização do filme como um instrumento de aprendizagem. Na França, um trabalho produzido por POIRIER, (1995) revela como os professores, objeto de sua pesquisa, fazem uso desse tipo de fonte: a utilização mais freqüente dos filmes tem como função a memorização e a motivação pelo atrativo da imagem em movimento, e em segundo plano, fica o uso do filme como uma forma de trabalhar com o conhecimento específico. Os dados da pesquisa mostram ainda que há uma compreensão dos professores de que os documentários construídos em torno de documentos de arquivos ou de testemunhas são os mais próximos das exigências ligadas ao conhecimento histórico. Os filmes mais explorados em sala são os de ficção baseados em acontecimentos. Dentre os maiores obstáculos arrolados pelos professores para a exploração de filmes em sala de aula estão o do tempo da aula, a insuficiência e inadequação dos documentos fílmicos.

Uma outra pesquisa realizada na Argentina³ por Acuna (1996) revela que o comportamento em relação ao uso de audiovisuais não difere muito do resultado verificado na França: alguns professores se negam totalmente a usar o vídeo, preferindo unicamente a exposição oral e o trabalho escrito. Muitos dos que introduzem, na sua prática, o vídeo e os demais meios de comunicação desconhecem as principais características dos recursos. O estudo mostra que há professores que não assistem previamente o material; que não conhecem a sua procedência - autor, realizadores, data e contexto da produção; que não possuem uma capacitação básica sobre os elementos da linguagem das imagens em movimento; que não há uma preparação dos alunos para o trabalho audiovisual e que por último projetam-se filmes completos de uma longa duração que extrapolam o horário das aulas e ultrapassam a atenção do adolescente. Acuna detecta o desconhecimento, por parte dos professores, dos aspectos do processo ensino-aprendizagem em relação à metodologia e à articulação com o uso do vídeo na construção do conhecimento histórico.

³ A pesquisa faz parte de um projeto de pesquisa denominado Avaliação do desenvolvimento de um novo recurso didático no ensino da História: o cinema. Sob a coordenação de L. Acuna, foi desenvolvido na Província de Santa Fé nos anos de 1993,94 e 95).

2.0 Questão metodológica e encaminhamento do trabalho com a imagem fílmica

Tomando como referência os dados já referenciados, das duas pesquisas sobre a formação dos professores e a exploração da linguagem fílmica na sala de aula, encaminhamos um trabalho com o filme “Cabra Marcado para Morrer”⁴.

A película foi utilizada como fonte/documento para preparar os professores na construção de noções de temporalidade com alunos do ensino médio. Para trabalhar com audiovisuais como instrumento para produzir uma relação de aprendizagem implica levar em consideração: que o documento imagético não é mais concreto que um texto escrito; que todo o documento fílmico tem conteúdo histórico e ao mesmo tempo, que todo ele funciona, em parte, como ficção. Como articular o conteúdo do filme para trabalhar, com os alunos, conceitos, noções de temporalidade? Pode-se partir da noção de evento, de ruptura, de conjuntura e estabelecer relações presente/passado/presente. Como usar partes do filme e problematizar questões que permitam a compreensão de aspectos de uma dada realidade no tempo? O filme “Cabra Marcado” insere-se numa temporalidade, numa conjuntura de mudanças, de retrocesso político que é possível problematizar com questões como: a idéia do filme surge quando? Em que contexto? Que evento interrompe as filmagens? Por quê? O que propicia o reinício das filmagens? Essa orientação de investigar o contexto contribui para aprofundar questões que o filme indica, problematiza e não explora, pois não era esse o seu objetivo.

A experiência com os professores partiu de uma análise sobre a importância da linguagem fílmica como documento para o ensino de História, de informações sobre o filme, o diretor e de uma rápida contextualização do período. O filme exibido na íntegra atraiu a atenção dos professores. Após o término, silenciaram-se visivelmente sensibilizados pelo impacto emocional causado.

Em todos os cursos, os professores foram orientados a estabelecer alguns recortes temáticos para aprofundar um determinado conteúdo e a produzir um saber escolar sobre o passado. Ao mesmo tempo, eram alertados para preparar os alunos a dominar pedagogicamente as principais operações intelectuais que merecem ênfase no aprendizado da História, como os conceitos –gerais ou específicos - e algumas possibilidades de aprendizagem / avaliação a partir de noções relacionadas ao tempo histórico. Entende-se que

⁴ Essa experiência foi desenvolvida em cursos de formação continuada de professores (1999-2003), numa disciplina de 30 horas intitulada “Temporalidade e ensino de História”. O Trabalho com o filme fazia parte da avaliação do módulo.

somente despertando a consciência dos ritmos da mudança social (esses ritmos se diferenciam em função do aspecto motivador social, econômico, demográfico e religioso) pode-se construir com os alunos a possibilidade de libertá-los do sentimento de impotência e de esperanças ilusórias. Eles podem avaliar as forças de resistência à mudança e não se surpreender pela lentidão com que essas ocorrem. Nesse sentido, uma questão essencial na aquisição da consciência do tempo é a relação **presente/ passado/presente**. Estabelecer relações entre aquilo que permanece e aquilo que muda, ou seja, **identificar, explicar e significar** os acontecimentos. Buscar nas múltiplas causas entrelaçadas com tempos também múltiplos a construção do sentido da mudança.

Um dos encaminhamentos sugeridos foi o de recortar o trecho do filme em que o diretor entrevista Elizabeth (a esposa do líder sindical assassinado que ficou 17 anos escondida e longe da família, com medo da repressão política da época). Sobre essa parte do filme, a problematização sugerida foi a seguinte: que título dar ao recorte? É possível distinguir Elizabeth como representante da mulher camponesa: 37 anos, 11 filhos? Qual a noção de tempo de Elizabeth? Qual reação da sua família sobre o seu envolvimento na continuidade do projeto do marido. Como Coutinho estimulou as lembranças de Elizabeth? Qual é o papel de Elizabeth como educadora, professora leiga com apenas a segunda série do antigo primário? Qual a importância da memória como fonte? Muitos conceitos e expressões refletem o momento em que o filme foi produzido e, por isso, devem ser localizados historicamente, como, por exemplo, a idéia de país subdesenvolvido, a forte conotação do imperialismo como o responsável pelas nossas mazelas, o latifúndio - que adquire vida na fala de Elizabeth -, o comunismo como perigo externo, dentre outros.

Após a sessão, os professores foram reunidos em grupos para fazer uma proposta de exploração pedagógica do filme com um encaminhamento que foi sendo aprimorado pela experiência, mas que pode ser sintetizado no seguinte formato:

- Elabore uma situação de aprendizagem tomando como referência o filme “Cabra Marcado para Morrer”.
- Defina uma temática em que o filme ou parte dele possa ser trabalhado em sala de aula.
- Faça um encaminhamento, para alunos do ensino médio, utilizando o filme como fonte e propondo atividades que busquem explorar noções de temporalidade. Essa atividade deve levar o aluno a inserir a temática do filme numa duração (múltiplas temporalidades), a desenvolver noções de temporalidade como

(antes/depois, mudanças/permanências), a estabelecer relações presente/passado/presente. Isso pode ser feito a partir de questões para que os alunos possam construir enunciados, estabelecer relações, construir ou refazer conceitos já elaborados, historicizar conceitos, elaborar sínteses e explicações.

Nem todas as questões e nem as diferentes respostas encontradas pelo professor participante do curso podem ser exploradas no interior deste texto, pois cada um as mobilizou em função da sua formação e do seu repertório pessoal sobre o passado. Seleccionamos e apresentamos a seguir, uma atividade avaliativa produzida pelos professores⁵:

Série: 1º ano do ensino médio

Tema: A resistência dos trabalhadores rurais frente às desigualdades sociais no campo na década de 60.

Objetivos:

- explorar, através do tema, as noções de temporalidade: presente/passado e mudanças/permanências;
- refletir sobre os movimentos de resistência em relação à terra, ao longo do tempo, percebendo “os reais limites” de atuação dos movimentos.

Encaminhamento metodológico:

Será utilizado o trecho em preto e branco do filme que narra a luta dos trabalhadores pela igualdade de acesso à terra. A exibição terminará com a foto da morte do principal líder do movimento de resistência: João Pedro Teixeira. Desenvolveremos as seguintes atividades:

I – Pesquisa do contexto histórico do Brasil da década de 1960 para um maior aprofundamento do tema: utilizar o material que o aluno produzir para fazer uma discussão em grupo;

II – Debate de questões problematizadoras: que período o filme retrata? Quais os principais problemas sociais enfrentados pelos trabalhadores rurais de Sapé? Como a comunidade se organizou para enfrentar tais problemas? O que a morte do líder Pedro Teixeira representou para esses trabalhadores? O MST, é hoje, a única forma de resistência do camponês frente às desigualdades sociais? Quais as formas de repressão enfrentadas hoje pelos movimentos sociais?;

⁵ Esse atividade foi proposta por Silveli Manfré Mozar; Gisele Lutke Jarec; Marisete Rubini Ramos.

III - Em grupo, os alunos deverão montar um quadro de análise sobre as questões debatidas, articulando as noções de temporalidade:

| Conceito | Noções de temporalidade | |
|---|--------------------------------|-------------|
| | <i>Ontem (1964)</i> | <i>Hoje</i> |
| <i>Concentração de Terras</i> | | |
| <i>Vida cotidiana do trabalho rural</i> | | |
| <i>Direitos trabalhistas</i> | | |
| <i>Formas de resistência</i> | | |
| <i>Repressão aos movimentos</i> | | |
| <i>O papel da mulher nos movimentos sociais</i> | | |
| <i>Reforma Agrária</i> | | |

O objetivo do filme como atividade avaliativa serviu para estimular o professor a utilizar o documento como forma de aprendizagem e, ao mesmo tempo, de avaliação no ensino de História.

Temos que admitir que o professor, muitas vezes, não tem sido preparado para enfrentar a complexidade das relações entre a produção histórica e a imagem e suas múltiplas relações. O enfrentamento desse problema poderá ser feito nos cursos de formação inicial de professores demonstrando uma preocupação efetiva na educação, “da” e “pela imagem”. Como chegar a uma formação que não seja exclusivamente técnica, na preparação para o uso dos audiovisuais, ou que não seja exclusivamente abstrata e distante da situação pedagógica? Algumas pistas para a reflexão desses desafios postos para o ensino de História pela contemporaneidade podem ser apontadas: formar professores, como também contribuir para a sua capacitação numa perspectiva teórico-metodológica do trabalho com a imagem; enfrentar os principais problemas colocados pelo ensino da História em relação aos adolescentes; trabalhar com o cinema como facilitador de certos processos de aprendizagem em história.

Referências

- ACUNA, Lidia G. La capacitacion docente y el uso del video para la enseñanza de la Historia en la escuela media. In: **CLIO & ASSOCIADOS**, La historia Enseñada. Argentina, Centrede Publicaciones Universidad Nacional del Litoral, n.1 mayo, 1996, p.127-132.
- BERNARDET, Jean Claude. Cabra Marcado para Morrer. In: LABAKI, Amir. (org.) **Folha conta 100 anos de cinema**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1995, p. 194-202.

CAMARGO, Aspásia. História Oral e Política. In: MORAES, Marieta. (Org.) **História Oral**. Rio de Janeiro: Diadorim Editora, 1994, p.75.100.

JACQUINOT, Geneviève. Apprendre des images: du réel “reproduit” au réel “calculé” In: DIDACTIQUES DE L’HISTOIRE, DE LA GÉOGRAPHIE, DES SCIENCES SOCIALES: Documents: des moyens pour quelles fins?. Paris : INRP, 1992. P. 71-80

POIRIER, Brigitte. *Dir.* **Texte filmique et apprentissage en Histoire**: le Rebelle, le chagrin e la pitié: réception et traitement par des élèves de Première et Troisième. Paris : INRP, 1993.

POIRIER, Brigitte. **Document filmique et apprentissage en histoire**: enquête sur les représentations et les pratiques des professeurs des lycées et des collèges. Paris : INRP, 1995.

SULTAN, J. Faire l’image: une activité de connaissance, In: POIRIER, Brigitte; SULTAN, Josette. (*Dir.*) . **Faire/voir et savoir**: connaissance de l’image image et connaissance. Paris : INRP, 1992.

RICOUER, Paul. **Tempo e Narrativa**. Campinas, SP: Papirus, 1994.